

## PAINEL MAPAS CULTURAIS: UMA EXPERIÊNCIA DE ANÁLISE DE DADOS<sup>1</sup>

Thaís Rigolon<sup>2</sup>, Caroline Mazzonetto<sup>3</sup>, Heloísa Mubarack<sup>4</sup> e Ana Cláudia Tolezano<sup>5</sup>

### RESUMO

Mapas Culturais é uma plataforma desenvolvida em *software* livre para apoiar a gestão pública no mapeamento colaborativo da cultura. Criada em 2013 pelo Instituto TIM em parceria com gestores, produtores culturais e desenvolvedores, ela facilita a coleta de dados, possibilitando que não só gestores, mas também a sociedade civil possam publicar suas programações e informações. Mapas Culturais está em operação em diversos estados e municípios brasileiros e, inclusive, em outros países. No entanto, os dados da plataforma ainda não foram objeto de análises que resultassem em uma verdadeira contribuição para a gestão cultural em longo prazo. Este artigo mostra o resultado da primeira experiência de extração, análise e apresentação dos dados das plataformas Mapas Culturais, enaltecendo a importância não só da coleta de informações, mas, principalmente, da análise de dados fundamentais para compreender a dinâmica cultural dos territórios e sustentar a elaboração de políticas públicas.

**Palavras-chave:** Mapas Culturais. Painel de dados. Indicadores culturais. Gestão cultural. Mapeamento colaborativo.

<sup>1</sup> Agradecemos ao Instituto TIM pela iniciativa de realizar o projeto Mapas Culturais. A elaboração deste artigo é resultado direto do esforço de muitas pessoas. Por isso, agradecemos a Fabiana Marchezi pela ideia de conceber um modelo que orientasse a geração de informações e indicadores por meio da plataforma. A Miguel Castro, pela idealização do Painel Mapas Culturais. A Leonardo Germani, pela leitura crítica. A Bárbara Scodelario e Aline Aliste, pela parceria e apoio na criação do projeto gráfico e diagramação do painel. Também agradecemos ao Ministério da Cultura e a todos os órgãos e secretarias da Rede Mapas Culturais, especialmente à Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará pelo apoio durante o processo de análise das informações.

<sup>2</sup> Gerente de Projetos (PMO) da NEORIS. Pós-graduada em Mídia, Informação e Cultura (USP). Produtora Cultural (FMU). E-mail: tha.rigolon@gmail.com.

<sup>3</sup> Líder de Comunicação da La Fabbrica Comunicação e Marketing. Pós-graduada em Teorias e Práticas da Comunicação (Faculdade Cásper Líbero). Jornalista (UFSC). E-mail: carolmazzonetto@gmail.com.

<sup>4</sup> Assistente de Projetos da La Fabbrica Comunicação e Marketing. Graduada em Letras/Português-Inglês (USP). Jornalista (Faculdade Cásper Líbero). E-mail: heloisamubarack@gmail.com.

<sup>5</sup> Assistente de Comunicação da La Fabbrica Comunicação e Marketing. Pós-graduada em Gestão de Conteúdo em Comunicação - Jornalismo (Universidade Metodista de São Paulo). Jornalista (Universidade Metodista de São Paulo). E-mail: anatolezano@yahoo.com.br.

## ABSTRACT

Mapas Culturais is a platform developed in free software to support the public administration in the collaborative mapping of culture. The tool began to be designed in 2013 by Instituto TIM, with the collaboration of several people (managers, cultural producers and developers). The platform makes data collection easier and enables managers and common citizens to publish cultural programming and information. Data collection is already happening in several locations, including other countries. However, until now, platform's data have not yet been analyzed in a way that results in a real contribution to long-term cultural management. This article intends to present the experience of the first replicability model for extraction, analysis and presentation of data from Mapas Culturais platforms, highlighting the importance of not only collecting information, but mainly analyzing data that are fundamental to understand the cultural dynamics and support the development of public policies.

**Keywords:** Mapas Culturais. Data panel. Cultural indicators. Cultural management. Collaborative mapping.

## INTRODUÇÃO

Mapas Culturais é um *software* livre desenvolvido pelo Instituto TIM para mapeamento colaborativo e gestão da cultura. Ele surgiu de experiências anteriores com mapeamento digital de iniciativas culturais<sup>6</sup> e das contribuições de produtores e agentes culturais, desenvolvedores e gestores públicos da cultura – especialmente da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que, tendo sido o primeiro município a adotar a plataforma, atuou em conjunto com o Instituto TIM no desenho da primeira versão da ferramenta.

Entre as principais estratégias que pautaram o desenvolvimento da plataforma, estão o *software* livre e o trabalho em rede. Como a plataforma foi desenvolvida em *software* livre, toda a documentação do código-fonte está disponível, sem custo algum, para qualquer pessoa interessada em instalar a sua própria instância e desenvolver melhorias conforme suas necessidades. Ao longo dos anos, foram realizados vários encontros em todo o Brasil para reunir gestores e desenvolvedores interessados e envolvidos com a ferramenta e criar desdobramentos nos âmbitos da gestão e tecnologia para aprimoramento da plataforma. Esse trabalho em rede,

---

<sup>6</sup> Para saber mais sobre essas iniciativas, leia o artigo “Mapas Culturais” em: <<http://www.articaonline.com/wp-content/uploads/2016/09/Gcultural2016-Mesa1-Mapas-Culturais.pdf>>.

baseado também no compartilhamento de experiências e melhorias relacionadas ao *software*, foi essencial para fomentar uma rede articulada de gestores e desenvolvedores que hoje é capaz de dar sustentabilidade ao projeto, independentemente do investimento privado.

Desde 2015, Mapas Culturais é a ferramenta oficial do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC), do Ministério da Cultura (MinC). Como a ferramenta contribui para que estados e municípios alcancem algumas das 53 metas do Plano Nacional de Cultura<sup>7</sup>, no início de setembro 2017 o MinC passou a disponibilizá-la como “software como serviço na nuvem” (SaaS) a todos os municípios e estados que já aderiram ao Sistema Nacional de Cultura (SNC), possibilitando que hospedagem, suporte e *backup* dos dados fiquem sob a responsabilidade do ministério<sup>8</sup>. Com essa estratégia, a escalabilidade ganha força, e a democratização da tecnologia na área cultural é ampliada.

Atualmente, mais de 30 municípios, 7 estados, o Distrito Federal e o Uruguai já implantaram a ferramenta, criando, a cada melhoria realizada no *software* e a cada utilidade descoberta para a plataforma, novas formas de fortalecer o levantamento de cartografias territoriais sobre a dinâmica cultural.

### UM PAINEL DE DADOS SOBRE O ECOSISTEMA CULTURAL

Cada município ou estado que implementa a ferramenta Mapas Culturais conta com uma instalação própria e independente do *software*, e o Mapa da Cultura, do MinC, agrega dados de todas as instalações, estabelecendo um mapeamento colaborativo nacional. Com Mapas Culturais, os gestores de cada um dos municípios e estados que adotam a ferramenta têm acesso tanto a informações sobre projetos, eventos e espaços culturais oficiais quanto a informações sobre projetos, eventos e espaços culturais de autoria de agentes individuais e coletivos espalhados pelo território brasileiro. Em outras palavras, a plataforma reúne tanto as programações e informações culturais oficiais quanto as não oficiais – por isso, podemos dizer que é colaborativa.

Mas o que esses dados nos dizem? Como podemos utilizá-los para a gestão cultural? Quais caminhos e desafios eles apontam? A experiência dos quatro anos do projeto Mapas Culturais mostra que nem sempre a gestão pública conta com recursos para analisar os dados brutos contidos na plataforma. Por isso, a construção de um método que possa nortear gestores e desenvolvedores na extração, análise e apresentação dos dados

<sup>7</sup> Site oficial do Plano Nacional de Cultura: <<http://pnc.cultura.gov.br/>>.

<sup>8</sup> Mapas da Cultura: <<http://mapascomoservico.cultura.gov.br/>>.

das plataformas do projeto, capaz de ser replicado pelas equipes de gestão da forma mais simplificada possível, tornou-se o fio condutor para elaborar o **Painel Mapas Culturais** – um documento que pretende ser um guia de como iniciar esse trabalho tão fundamental nos municípios e estados que já possuem seu próprio mapa.

Antes de iniciar o processo, no entanto, uma reflexão se fez necessária: quão importante é, para a gestão da cultura, ter acesso a dados de qualidade? Há demanda para esse tipo de informação?

A obtenção de indicadores da cultura atualizados sempre foi uma das solicitações dos profissionais da área, já que a história da política cultural no Brasil é marcada por “tristes tradições como ausência, autoritarismo e instabilidade” (RUBIM, 2006).

No caso da cultura, para o conhecimento da área, não necessitamos só e, necessariamente, produzir indicadores, necessitamos ainda, e muito, da produção de informações. Trabalhando com uma visão abrangente de cultura, torna-se fundamental a delimitação dos campos a serem monitorados (práticas, produção, consumo, serviços, etc.), e mais do que isso, quais os objetivos do monitoramento de cada um deles (elaboração de políticas setoriais, acompanhamento de resultados de projetos, etc.). (CALABRE, 2009, p. 6)

Tendo como base que, nas palavras de Lia Calabre, o setor cultural carece de dados de qualidade e que, até o momento, praticamente todas as instalações existentes atuam apenas na coleta de informações, de que forma a análise dos dados da plataforma pode auxiliar na gestão cultural? É essa pergunta que o Painel Mapas Culturais procura responder.

Este artigo explica como o Painel foi realizado e explora as conclusões originadas pelos números analisados, mostrando a riqueza de informações possível de ser obtida por meio de um estudo cuidadoso e dedicado dos dados que estão contidos em qualquer instalação da plataforma Mapas Culturais.

## **HISTÓRICO E PLATAFORMAS ANALISADAS**

Na década de 2000, com a gestão de Gilberto Gil à frente do MinC (2003-2008), a cultura ganhou nova dimensão simbólica, e a participação da sociedade civil nas políticas públicas passou a ser um fator determinante nas ações do ministério. O ex-ministro pretendia difundir e defender ao máximo a cultura digital e colaborativa e a importância das licenças livres. A concepção de Mapas Culturais seguiu essas diretrizes, já que a ferramenta foi desenhada em conjunto por gestores, produtores culturais,

desenvolvedores e iniciativa privada – além do Instituto TIM, participaram da criação e da implementação do projeto a La Fabbrica Comunicação e Marketing e o coletivo digital Hacklab. Esses princípios também foram utilizados na construção do Painel Mapas Culturais: a metodologia criada possui uma documentação detalhada e casos de uso para facilitar a replicação, independentemente do contexto do município ou estado.

Duas instalações de Mapas Culturais foram escolhidas para servir de suporte à experiência: uma instalação de município, a plataforma SP Cultura<sup>9</sup>, da capital paulista, e uma instalação de estado, o Mapa Cultural do Ceará<sup>10</sup>. Elas são diferentes entre si, mas igualmente significativas para os demais municípios e estados da rede.

**SP Cultura** é a primeira instalação de Mapas Culturais lançada e é a que contém o maior número de eventos, agentes, espaços e projetos cadastrados. A coleta inicial de dados para o lançamento da plataforma começou em 2013 e ficou a cargo de 20 bolsistas da Agência Popular Solano Trindade. Eles realizaram pesquisas e testes preliminares do *software* no distrito do Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo, possibilitando a primeira leva de inserção de dados na ferramenta.

Atualmente, a plataforma SP Cultura apresenta informações sobre o cenário cultural de mais de 90 distritos paulistanos. Além disso, sua criação permitiu à Secretaria Municipal de Cultura migrar os editais públicos para o formato digital: as inscrições foram modernizadas, uma vez que deixaram de ter o papel como suporte e o envio postal como meio. Por ser a plataforma há mais tempo no ar, nela é possível ter uma visão ampla de como a ferramenta tem se comportado ao longo dos anos, inclusive em meio a transições de governos.

O **Mapa Cultural do Ceará** foi lançado em maio de 2015 e conta com uma equipe da Secretaria de Cultura do Estado dedicada ao projeto, tanto no âmbito da gestão, como no do desenvolvimento – o que a torna uma instalação de referência para a Rede Mapas Culturais. Por iniciativa própria, essa equipe adicionou novas funcionalidades ao sistema e elaborou diversos manuais e tutoriais para utilização da plataforma, que podem ser usados pelos agentes culturais de acordo com a necessidade deles.

A criação de um site e aplicativo com a agenda da 3ª edição do festival de artes Maloca Dragão, evento que acontece em parceria com o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, é um exemplo disso. Pela primeira vez, foi aberta uma chamada pública para contribuir com a curadoria do festival, e as inscrições para o edital foram realizadas pela plataforma.

---

<sup>9</sup> <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/>

<sup>10</sup> <http://mapa.cultura.ce.gov.br/>

Considerando a mobilização que a plataforma causou na equipe da Pasta de Cultura e a expansão de seus usos, ela foi escolhida como o segundo caso a ser analisado no Painel Mapas Culturais.

O Painel Mapas Culturais foi desenvolvido para mostrar a riqueza de informações e conclusões que se pode obter por meio da análise de dados extraídos das plataformas Mapas Culturais. Mas uma ressalva se faz necessária: os dados analisados representam apenas as informações inseridas nas plataformas SP Cultura e Mapa Cultural do Ceará, ou seja, não representam a totalidade da cultura do município de São Paulo ou do Estado do Ceará. Essa não é a pretensão do Painel.

### **METODOLOGIA: COMO O PROCESSO FOI REALIZADO**

A primeira etapa do trabalho foi dedicada a refletir sobre indicadores que são importantes para os gestores culturais. Com base nessa reflexão, foram elaboradas perguntas que pudessem ser respondidas pelos números da plataforma.

Algumas dessas perguntas pretendiam explorar a concentração no território (Quais distritos de São Paulo possuem mais espaços cadastrados? Quais municípios do Ceará têm mais presença na plataforma? Qual é a distribuição de agentes, espaços e projetos em relação às periferias e cidades do interior?); outras focavam nas áreas de atuação mais frequentes (Quais são as áreas de atuação dos agentes? Quais são as idades que mais se destacam por áreas de atuação?); e em questões de raça e gênero (Como a divisão por raça está dispersa no território? Qual a relação entre o perfil dos agentes e sua área de atuação?), entre outras temáticas.

A segunda etapa envolveu a extração propriamente dita dos dados da plataforma. Um estudo sobre a documentação técnica da Application Programming Interface (API)<sup>11</sup> foi realizado pelos desenvolvedores da equipe do projeto. Decidiu-se, por ser mais simples, gerar um novo processo para extração dos dados. A ferramenta escolhida para receber os dados foi o *software* livre Metabase<sup>12</sup>, que possibilita visualizar, filtrar e agrupar facilmente os dados mais relevantes já em forma de gráficos e tabelas e divididos conforme as perguntas elencadas.

Por meio da análise depurada dos dados, foram selecionados os números mais relevantes e produzidos cruzamentos de informações. Um painel gráfico com os dados mais significativos está em elaboração para proporcionar uma melhor compreensão pelo público em geral.

<sup>11</sup> [http://docs.mapasculturais.org/mc\\_config\\_api/](http://docs.mapasculturais.org/mc_config_api/)

<sup>12</sup> <https://www.metabase.com/>

As informações resultantes do Painel – extraídas das plataformas SP Cultura e Mapa Cultural do Ceará, organizadas, decupadas, tratadas, analisadas e reunidas a seguir – exemplificam o potencial de uso e a importância dos dados agregados nas diversas instalações do *software* Mapas Culturais.

### **ANÁLISE DOS DADOS DA PLATAFORMA SP CULTURA**

Foram extraídos, apresentados e analisados os dados referentes às quatro entidades que fazem parte do SP Cultura: agentes, espaços, eventos e projetos. Os números totais da plataforma mostram como ela se destaca na quantidade de registros: 22.908 agentes individuais, 4.364 agentes coletivos, 3.111 espaços e 1.949 projetos foram cadastrados entre seu lançamento e agosto de 2017, período analisado no painel.

#### **Indicadores relacionados aos registros**

A plataforma Mapas Culturais permite aos gestores entender a sazonalidade dos fluxos de cadastro. É possível compreender quais são os meses mais intensos na realização de eventos e na publicação de editais na plataforma, quais são os períodos de maior afluxo de novos agentes na plataforma, os períodos em que há mais ou menos programações oficiais, entre outros aspectos.

A análise dos picos de registro mostra que, em geral, o início do ano é a época em que acontece o maior número de novos cadastros na plataforma. Outubro é um mês com aumento nos registros dos agentes coletivos, enquanto maio e janeiro costumam ser os meses com maior aumento no número de agentes individuais. Em relação aos espaços, fevereiro de 2015, janeiro de 2016 e fevereiro de 2017 foram os meses em que houve mais inscrições.

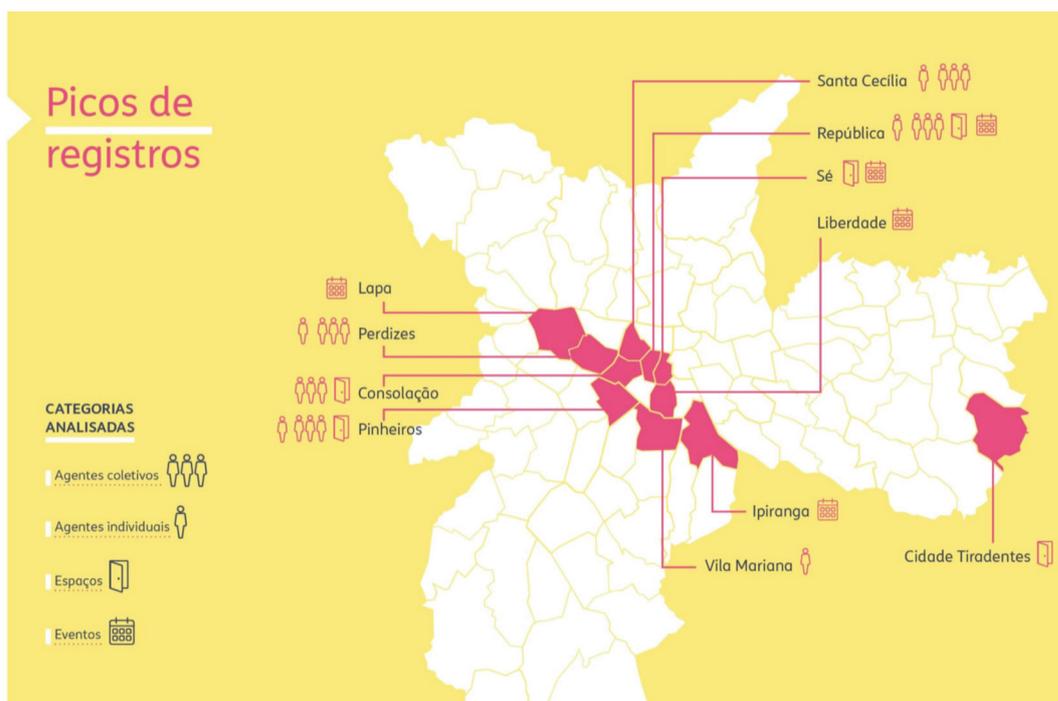
Outra informação que chama atenção é que, ao analisarmos o total de eventos registrados, há sempre uma evolução entre os meses de abril, maio e junho. Certamente isso está relacionado à Virada Cultural, evento promovido anualmente pela Secretaria Municipal de Cultura em parceria com outras instituições. De 2014 a 2017, o evento ocorreu em maio e junho, reunindo um grande número de atrações, o que explica a elevação de registros de eventos na plataforma. Esse indicativo de que a plataforma possui mais eventos relacionados a um projeto específico demonstra que, quando há um esforço focado, o número de iniciativas vinculadas a projetos cresce consideravelmente.

A concentração de registros por distrito foi outro ponto explorado e que pode fornecer subsídios importantes no momento da formulação de novos editais, por exemplo. Na medida em que se observa que a região central

concentra o maior número de ofertas culturais na programação dos espaços, como alterar a realidade nos pontos mais distantes e nas periferias da cidade? Como democratizar o acesso a esses eventos? Outras questões dos gestores também podem ser norteadoras no entendimento do território e favorecer uma melhor tomada de decisão na elaboração de novos chamamentos, criação de novas programações e distribuição de ações voltadas a linguagens artísticas específicas pelas regiões do município.

Analisando os sete distritos que concentram mais agentes coletivos e individuais na plataforma, observamos que Perdizes, Pinheiros, República, Consolação, Santa Cecília, Bela Vista e Vila Mariana são os mais presentes. Juntos, eles abrangem 25% dos agentes coletivos registrados na plataforma e 12% dos individuais, no total de 96 distritos. República, Sé, Pinheiros, Consolação, Cidade Tiradentes, Bela Vista e Santa Cecília concentram 32% dos espaços cadastrados. Perdizes, predominante entre agentes, não aparece entre os distritos com mais espaços.

Figura 1 - Distritos de São Paulo.



Crédito: Painel Mapas Culturais - Arte de Bárbara Scodelario e Aline Aliste.

Enquanto isso, bairros periféricos que não se destacam nas listas de agentes aparecem entre os que têm mais espaços: Cidade Tiradentes (79), São Miguel Paulista (51) e Jardim São Luís (45) estão entre os dez primeiros. É perceptível a concentração de agentes coletivos e individuais na região central e na Zona Oeste e sua menor proporção nas periferias. Ou seja, um maior número de agentes culturais em um bairro não está necessariamente ligado a um maior número de espaços nesse mesmo bairro. O que isso nos diz?

## Perfil dos agentes

A análise do perfil dos agentes é outra informação muito potente e que fornece à gestão um conhecimento mais assertivo sobre quem participa das ações propostas pela Secretaria.

As características mais registradas em relação ao perfil dos agentes individuais<sup>13</sup> foram homem, branco e na faixa etária entre 26 e 37 anos. Em quase todos os distritos predominam os agentes individuais brancos, com exceção de Grajaú, Cidade Tiradentes, Jardim São Luís, Cidade Ademar, Cachoeirinha, Itaim Paulista, Jardim Ângela, Jaraguá, Vila Jacuí, Vila Curuçá, Guaianases, Lajeado e Parque do Carmo (maioria de cor preta) e Itaquera, Campo Limpo e Jardim Helena (maioria de cor parda) – todos distritos da periferia.

Os homens, maioria em 82 distritos, representam 54% dos agentes individuais, e as mulheres, maioria em 14 distritos, 44%. Por gênero, os agentes individuais homens predominam na maioria das linguagens, 30 de um total de 51. Eles também lideram nas cinco linguagens culturais que mais concentram agentes em São Paulo.

## Indicadores relacionados a áreas de atuação

Os números coletados sobre as áreas de atuação podem indicar as áreas que necessitam de mais investimento da Secretaria e quais áreas estão concentrando um número maior de público. Por meio desses dados, a gestão também consegue medir o sucesso de suas políticas de fomento a linguagens específicas.

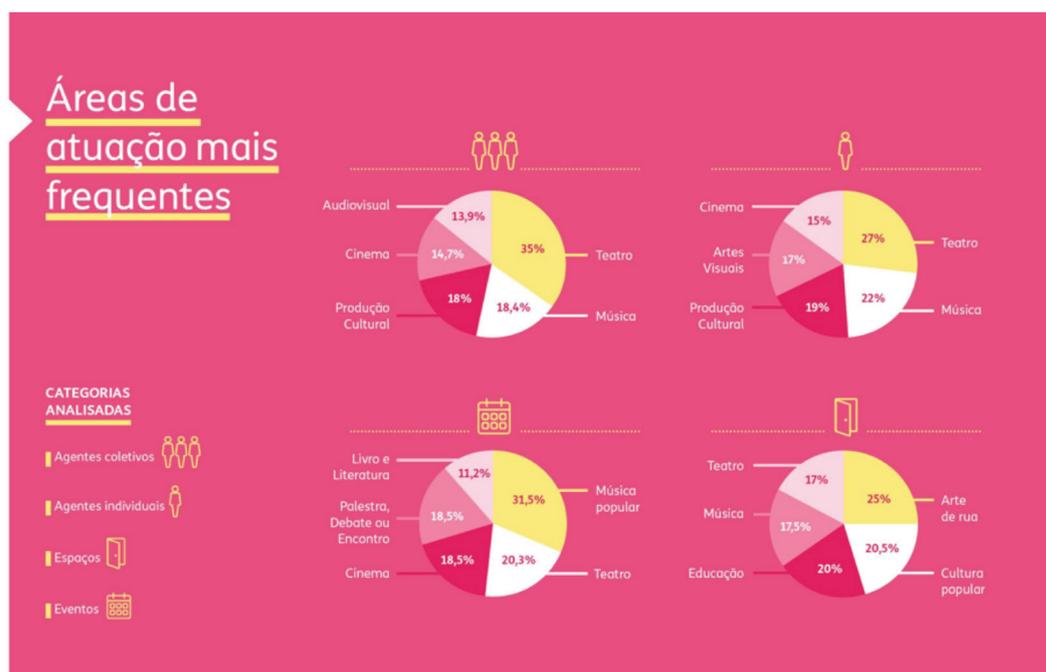
Na plataforma SP Cultura, as áreas de atuação mais presentes entre os registros são Teatro e Música. Teatro, Música e Produção Cultural, nessa ordem, são as áreas que mais predominam tanto nos agentes coletivos quanto nos individuais.

Quando analisamos as áreas de atuação por eventos, identificamos que Música Popular é predominante. Nos espaços, Arte de Rua é a área que se destaca. Por distrito e no apanhado dos agentes individuais e coletivos, Perdizes lidera em oito áreas. Somente o bairro da República lidera na área Livro.

---

<sup>13</sup> As questões relacionadas ao perfil dos agentes não são campos que devem ser obrigatoriamente respondidos. Sendo assim, 55,8% dos agentes individuais cadastrados preencheram o campo de identidade de gênero; 52,3% preencheram o campo de perfil racial; e 58% preencheram o campo de idade.

Figura 2 – Áreas de atuação.



Crédito: Painel Mapas Culturais - Arte de Bárbara Scodelario e Aline Aliste.

## Indicadores relacionados a espaços

A análise dos espaços registrados na plataforma pode mostrar à gestão pública quais equipamentos oficiais possuem programação dedicada a públicos específicos e quais são esses públicos. Mostra, ainda, quais espaços têm eventos gratuitos e como é a acessibilidade desses locais, além de quem responde por eles, quais são os agentes coletivos que mais realizam programações nos espaços, entre outras questões.

Sessenta e três por cento dos espaços cadastrados na plataforma SP Cultura estão vinculados a agentes coletivos. Os tipos mais frequentes são Palco de Rua (783), Centro Cultural Público (363), Biblioteca Pública (243), Espaço para Eventos (239) e Praça dos Esportes e da Cultura (178).

Os bairros República, Sé, Pinheiros, Consolação e Bela Vista são os que têm mais palcos de rua registrados. Pinheiros também tem mais espaços para eventos. A hipótese é válida: o alto número de palcos de rua seria devido à Virada Cultural?

Em relação a eventos, a Secretaria Municipal de Cultura, o Sistema Municipal de Bibliotecas e o Centro Cultural São Paulo são os agentes que mais organizam eventos cadastrados no SP Cultura.

O Centro Cultural São Paulo também está entre os espaços que mais recebem eventos, ao lado da Biblioteca Pública Municipal Roberto Santos e do Cine Olido. Os órgãos municipais predominam nesses casos, e isso

mostra que a plataforma, em São Paulo, é mais usada para eventos oficiais do que para a cultura descentralizada.

### **Indicadores relacionados a projetos**

Quem participa dos chamamentos realizados pela Secretaria, quais são as propostas dos artistas de determinadas regiões e quais são as linguagens mais frequentes nos projetos são algumas das questões que a plataforma pode responder.

Os tipos mais frequentes de projetos cadastrados são Edital (426), Encontro (259), Mostra (235), Programa (225) e Festival (179). Junto com Ciclo e Oficina, eles correspondem a 74% do total de projetos cadastrados. Além disso, os editais respondem, sozinhos, por 21% dos projetos cadastrados, entre as 23 categorias existentes. A quantidade de projetos na plataforma reflete a iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo de abandonar as inscrições para projetos feitas em papel e migrá-las para a ferramenta.

### **ANÁLISE DOS DADOS DA PLATAFORMA MAPA CULTURAL DO CEARÁ**

Seguindo o mesmo modelo utilizado para o município de São Paulo, foram extraídos, apresentados e analisados os dados referentes às quatro entidades que fazem parte do Mapa Cultural do Ceará. Desde seu lançamento até agosto de 2017, os números totais de registros são: 8.815 agentes individuais, 1.583 agentes coletivos, 1.058 espaços, 1.827 eventos e 377 projetos cadastrados na plataforma.

### **Indicadores relacionados aos registros**

Assim como acontece com a plataforma SP Cultura, a análise dos registros do Mapa Cultural do Ceará permite aos gestores entender a sazonalidade dos fluxos de cadastro e elaborar políticas e ações culturais com base nessas informações. Quando se trata de uma plataforma de estado, a Secretaria consegue entender quais municípios participam das iniciativas propostas pela Pasta, o que possibilita uma ação focada nos que ainda não atuam em conjunto com o governo estadual.

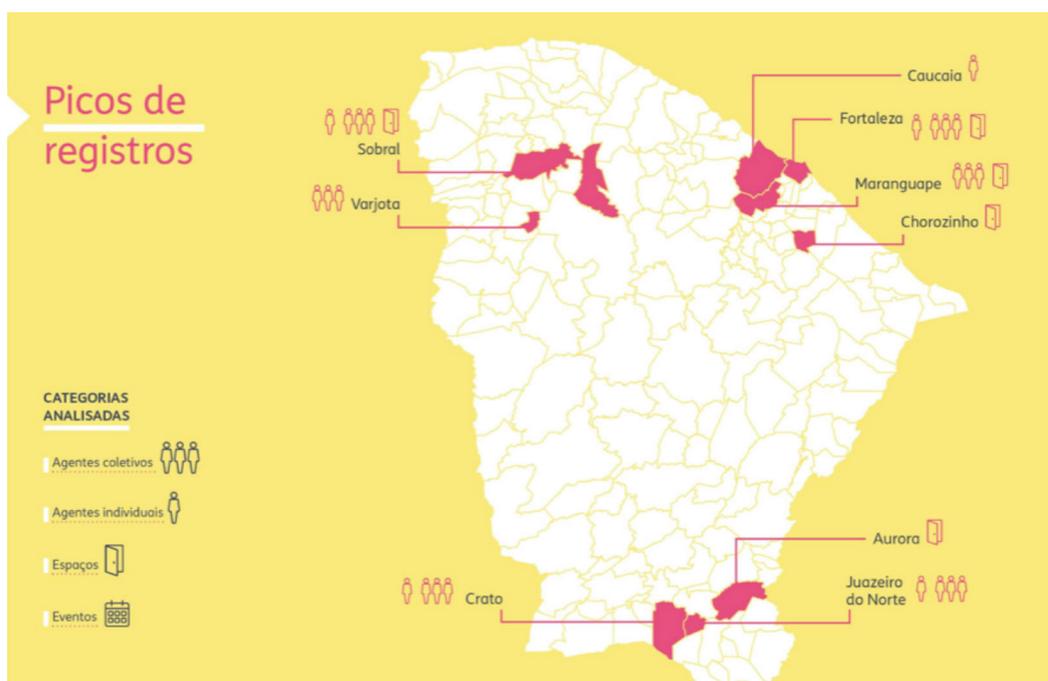
De acordo com a análise realizada, janeiro e março são os meses com mais informações cadastradas no Mapa Cultural do Ceará. Além disso, houve um pico acentuado em comum entre agentes coletivos e individuais em março de 2017. De acordo com a Secretaria de Cultura do Ceará, esse aumento se deve à data de encerramento dos editais de Incentivo às Artes, Prêmio Alberto Nepomuceno, Cultura e Infância e Ceará da Paixão.

Já o pico de registros de espaços aconteceu em março de 2015, antes do lançamento da plataforma – portanto, refere-se ao cadastro de informações feito pela própria Secretaria. Houve maior concentração de registros de eventos no centro de Fortaleza em abril de 2016 e de 2017 devido à Maloca Dragão.

Foi notado um crescimento orgânico no número total de projetos, sendo que o maior aumento aconteceu entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017 – o que coincide com um aumento nas inscrições de agentes coletivos.

Observa-se que Fortaleza – capital do Ceará, cidade mais populosa do estado e base da Secretaria de Cultura do Estado – concentra o maior número de registros de agentes coletivos, individuais e de espaços. Em seguida vem Sobral, a segunda cidade com o maior número de agentes cadastrados (380 individuais e 105 coletivos), porém a quinta em população – essa foi a primeira cidade em que Mapas Culturais foi instalado e, apenas posteriormente, foi criado o Mapa Cultural do Ceará, o que fez com que as duas instalações integrassem o mesmo servidor.

Figura 3 – Municípios do Ceará.



Crédito: Painel Mapas Culturais - Arte de Bárbara Scodelario e Aline Aliste.

Caucaia, que é a segunda maior cidade do estado, tem apenas 97 agentes individuais e 19 coletivos. É importante mencionar que dois fatores podem distorcer os dados: a maior parte dos espaços registrados não contém o município; e o campo de preenchimento do município é aberto (não há alternativas para assinalar), gerando diversas ocorrências de uma

mesma cidade escrita de formas diferentes – um gargalo da plataforma a ser melhorado.

### **Perfil dos agentes**

Com o perfil dos agentes, a Secretaria pode fazer análises gerais de todo o estado, recortes por municípios e comparações entre eles.

No perfil dos agentes individuais<sup>14</sup>, as opções mais registradas foram homem (identidade de gênero) e pardo (perfil racial). A maioria encontra-se na faixa etária entre 21 e 31 anos.

Há também 79 pessoas que se classificam como outros ou não binário, classificações que foram incorporadas à plataforma em 2017. Cabe acrescentar também que a idade (campo aberto) dos agentes individuais é um número distorcido: 31% não marcaram nada, 2% marcaram 0 e cinco agentes disseram ter mais de 100 anos, entre outros registros.

### **Indicadores relacionados a áreas de atuação**

Como na plataforma SP Cultura, os números coletados sobre as áreas de atuação podem indicar as linguagens que necessitam de mais investimento, se as ações vinculadas a linguagens específicas estão sendo bem-sucedidas e as áreas que concentram mais público de cada linguagem.

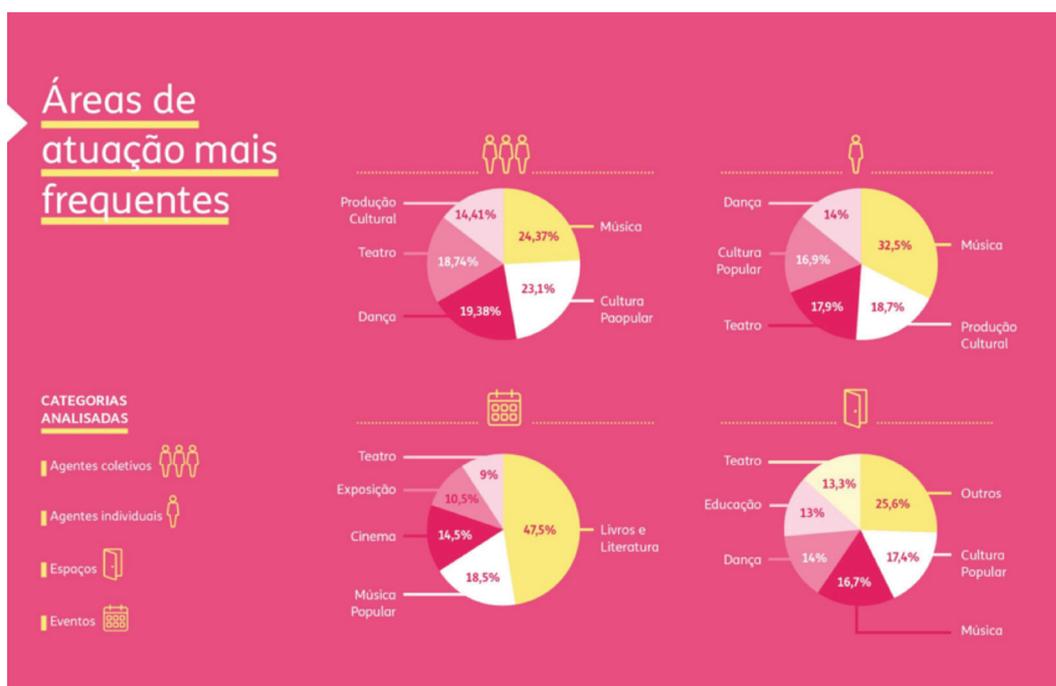
As áreas de atuação mais frequentes nos registros são Música, Cultura Popular e Teatro. Há um grande número de agentes que atua com Produção Cultural (20,8%), e Educação é uma das áreas mais frequentes entre espaços – escolas, universidades e outras instituições de ensino entram nessa categoria.

A leitura dos eventos separados por área é impactada pelo grande número de registros feitos por agentes específicos. Somente a Coordenadoria de Políticas do Livro, Leitura e Bibliotecas, por exemplo, foi responsável por criar 555 eventos de Livro e Literatura. Outro exemplo é que a programação da Bienal do Livro foi inteiramente adicionada ao Mapa Cultural do Ceará. Assim, as cinco áreas de atuação mais frequentes em eventos correspondem a 74% do total.

---

<sup>14</sup> As questões relacionadas ao perfil dos agentes não são campos obrigatórios. Sendo assim, 65,9% dos agentes individuais cadastrados preencheram o campo de identidade de gênero; 59,1% preencheram o campo de perfil racial; e 69% preencheram o campo de idade.

Figura 4 – Áreas de atuação.



Crédito: Painel Mapas Culturais - Arte de Bárbara Scodelario e Aline Aliste.

### Indicadores relacionados a espaços

A análise dos espaços mostra um retrato de como atuam os equipamentos oficiais, como é sua concentração no território do estado, sua programação, seus públicos, a gratuidade de seus eventos e acessibilidade, entre outros aspectos.

Entre os espaços, Bens Culturais de Natureza Material e Bens Culturais de Natureza Imaterial são os dois mais frequentes entre os registros. É difícil verificar se os registros de tipos de espaço se refletem fora da plataforma, já que 34% dos usuários selecionaram a opção Outros. Esse resultado demonstra a necessidade de a plataforma ser mais divulgada entre agentes de diferentes tipos de espaços.

### Indicadores relacionados a eventos

Quais eventos estão concentrados no interior e quais estão concentrados nas áreas urbanas, onde estão concentrados os que possuem ingressos acessíveis, se a grande maioria acontece em locais públicos ou privados, se a sociedade civil propõe eventos e que tipo de eventos ela realiza estão entre as análises possíveis.

Os agentes que mais organizam eventos na plataforma são Coordenadoria de Políticas do Livro, Leitura e Bibliotecas; Isabel Silvino (produtora

cultural); Instituto Dragão do Mar; Casa de Juvenal Galeno; e Sobral Cidade das Artes. Seis agentes são responsáveis por 78% dos eventos, o que impacta nas áreas de atuação de eventos frequentes, uma vez que elas não batem com as áreas de agentes e espaços mais frequentes.

Enquanto isso, os espaços que mais recebem eventos são Centro de Eventos do Ceará, Cineteatro São Luiz, Praça do Cordel, Café Literário e Casa de Juvenal Galeno. Setenta e seis por cento dos eventos cadastrados na plataforma são gratuitos.

Entre os agentes que mais registram eventos, não há apenas instituições públicas: dois deles são produtores culturais que trabalham no Cineteatro São Luiz. Isso explica o fato desse espaço constar como um dos que mais recebem eventos entre os registrados na plataforma. Também cabe mencionar que, conforme aponta a Secretaria de Cultura, esse foi um dos espaços que mais abraçou o projeto e investiu recursos para o desenvolvimento de um *plugin* em WordPress que recolhe a programação da plataforma e apresenta-a em seu site.

No Mapa Cultural do Ceará não é possível acessar os tipos de projetos mais frequentes, dado que foi possível de ser extraído do SP Cultura. Esse é outro gargalo a ser resolvido. No entanto, cabe ressaltar que a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará passou a utilizar a plataforma para receber inscrições em projetos culturais, substituindo o papel – assim como o fez a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo em relação aos editais. O grande aumento no número de projetos cadastrados na plataforma a partir de 2016 é um indicativo disso, e torna mais fiel o mapeamento em relação às iniciativas que estão sendo pensadas pela comunidade artística.

### **GARGALOS ENCONTRADOS NA EXTRAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Algumas dificuldades foram identificadas durante o processo de extração de dados e no momento de análise das informações. Os principais gargalos estão relacionados a campos que não são obrigatórios de serem preenchidos no momento de cadastro de um agente, evento, espaço ou projeto cultural. Sendo assim, muitos usuários não inserem todas as informações que seriam fundamentais para uma análise mais aprofundada.

Outro gargalo é que a ferramenta não possui uma tela de relatórios no painel dos gestores, o que dificulta a geração de indicadores qualificados para a gestão pública. As únicas formas de analisar as informações contidas nas instalações são: 1) fazendo o *download* das planilhas disponíveis e criando o próprio cruzamento de dados ou 2) realizando a extração via API e inserindo em alguma outra ferramenta para visualização dos dados como, por exemplo, o *software* livre Metabase – modelo que foi adotado no Painel Mapas Culturais.

O Metabase também possui algumas limitações que impactaram na elaboração do painel: necessidade da colaboração de um desenvolvedor para configurar a plataforma, navegação pouco intuitiva, inglês como idioma padrão e atualização somente manual de gráficos criados.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir indicadores que realmente reflitam a realidade da cultura é uma tarefa que necessita de investimento e recursos humanos aptos e disponíveis. Afinal, a área da cultura não costuma ser objeto de muitos estudos quantitativos realizados por instituições de pesquisa. Basta pensar no número de estudos que existem relacionados à saúde, por exemplo. Uma das soluções encontradas pelos gestores, nos últimos anos, tem sido “extrair informações de pesquisas que originalmente tinham outras finalidades, o que, inevitavelmente, suscitou alguns problemas, como a inexistência de categorias e indicadores desenhados exclusivamente para a análise cultural” (FIALHO; GOLDSTEIN, 2012).

A ferramenta Mapas Culturais possibilita o mapeamento colaborativo da cultura em tempo real. Ela também permite aos gestores públicos contar com dados de qualidade no que se refere à cultura de seu território – uma potencialidade ainda não totalmente explorada pelos estados e municípios da Rede. Afinal, só ter acesso aos dados não é suficiente: obter indicadores de qualidade depende de esforços direcionados a isso, realizados por cada instalação individualmente, mas também depende da manutenção da Rede Mapas Culturais como um ambiente de troca de experiências e de crescimento de todos os seus atores.

Para isso, faz-se necessária uma governança capaz de dar sustentabilidade ao projeto por meio da colaboração de gestores e desenvolvedores e do apoio de atores institucionais, como é o caso do MinC. Esse trabalho interligado é fundamental para que as diversas instalações da plataforma continuem sendo bases de dados eficazes, confiáveis e constantemente atualizadas.

Quando falamos da governança de uma rede descentralizada e sujeita às mudanças normais do âmbito político, uma centralização mínima, institucional ou liderada pela sociedade civil parece se fazer necessária. Assim, torna-se possível zelar para que o projeto se mantenha na direção dos objetivos que são comuns a todos os participantes.

No surgimento do projeto, em 2013, o Instituto TIM, junto às secretarias e fundações de Cultura, esteve à frente da implementação, coordenação e desenvolvimento da iniciativa, sempre fazendo esforços para que o projeto e o *software* Mapas Culturais fossem utilizados e aprimorados pela rede de gestores e desenvolvedores envolvidos.

A partir do final de 2017, o Ministério da Cultura, por meio do Sistema Nacional de Cultura, passou a ser atuante no apoio oficial aos municípios e estados que quisessem criar as suas instalações de Mapas Culturais. Desse modo, o MinC vem desempenhando um papel importante não só na expansão da implementação da plataforma, mas também na estruturação da governança colaborativa da Rede Mapas Culturais.

Mapas Culturais representa uma tendência que vem ganhando força nos últimos anos, especialmente no contexto das novas tecnologias aplicadas à gestão pública: as pessoas querem entender como os *softwares* funcionam e fazer parte das tomadas de decisões relacionadas às melhorias e novas funcionalidades a serem desenvolvidas. Além disso, quando se trata de *software* livre, a documentação precisa estar disponível para que qualquer pessoa possa utilizá-la e propor melhorias. Só assim será possível alcançar uma governança colaborativa e transparente.

A melhoria de processos de desenvolvimento de software, usualmente, é caracterizada por ser um trabalho de equipe e contínuo, necessitando de investimento, de planejamento e dedicação, de um esforço consistente e persistente, de conhecimento do processo existente e de uma definição de objetivos claros para a melhoria dos mesmos. (COSTA; LOUREIRO; REIS, 2014, p. 183)

A adoção de Mapas Culturais pelo Ministério da Cultura – como a ferramenta oficial do Sistema Nacional de Indicadores e Informações Culturais (SNIIC) e como uma das estratégias de atuação do Sistema Nacional de Cultura (SNC) – demonstra uma forte intenção em sustentar a plataforma e fazer com que o maior número de municípios e estados brasileiros contribua para o mapeamento da cultura em nível nacional. Fortalecida a etapa de adesão e uso, é importante que análises, como a apresentada no Painel Mapas Culturais, sejam entendidas como um elemento fundamental da contribuição do mapeamento para a gestão. Afinal, é por meio da geração de indicadores que propiciam reflexão sobre o cenário cultural que os Mapas Culturais poderão fazer a diferença na gestão da cultura brasileira.

## REFERÊNCIAS

- CALABRE, Lia. Políticas públicas e indicadores culturais: algumas questões. In: V ENECULT, 2009, Salvador.
- COSTA, António Pedro; LOUREIRO, Maria João; REIS, Luís Paulo. Do modelo 3C de colaboração ao modelo 4C: modelo de análise de processos de desenvolvimento de software educativo. *Revista Lusófona de Educação*, Portugal, 2014.

- FERNANDES, Taiane. *Políticas para a cultura digital do Ministério da Cultura (2003-2010)*. In: V ENECULT, 2009, Salvador.
- FIALHO, Ana Letícia; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Conhecer para atuar – A importância de estudos e pesquisas na formulação de políticas públicas para a cultura. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 13, 2012.
- INSTITUTO TIM. *Mapas Culturais*. Disponível em: <<https://institutotim.org.br/project/mapas-culturais/>>. Acesso em: 9 jan. 2018.
- NIC.BR; COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Cultura e tecnologias no Brasil: um estudo sobre as práticas culturais da população e o uso das tecnologias de informação e comunicação*. São Paulo, 2017.
- PLANO NACIONAL DE CULTURA. *Metas do PNC*. Disponível em: <<http://pnc.cultura.gov.br/metas-do-pnc/>>. Acesso em: 9 jan. 2018.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Políticas culturais no Brasil: tristes tradições*. Salvador: Editora, 2006.
- VAZ, José Carlos. Transformações tecnológicas e perspectivas para a gestão democrática das políticas culturais. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, São Paulo, v.22, n. 71, 2017.